

Índios buscam sua identidade

Ultimamente, talvez para resgatar alguma coisa que ainda exista da sua aparente pureza racial, os potiguara se negam a contrair matrimônio fora da reserva. Quem advoga muito esta causa é Eufrásio, líder de São Miguel, um mestiço cuja autenticidade indígena foi posta à prova em Brasília, por funcionários da Funai. Ele provou sua condição de índio exibindo o retrato de sua avó, com marcantes traços fisionômicos potiguara. No encontro Potiguara, só o cacique João Batista Faustino lembrou de tudo isso. Eliane Potiguara, uma carioca que promoveu o Encontro, emprestou ao evento o aspecto de um simpósio.

— A força da mulher indígena é justa e leal. A mãe de família sabe a dor e o sofrimento do parto. Os índios do Brasil necessitam de suas

terras. Se no Brasil há um dirigente incapaz, que ele saia e nos deixe governar, colocou Quitéria Binga, líder dos Pankararu de Pernambuco, presente no encontro. Ao exhibir-se uma dança ritual de sua aldeia, Binga demonstrou que nem tudo está perdido na cultura **Pankararu**: os dançarinos evocam "guerreiros e caboclos nesta cantoria, mas miscigenam o enredo com pontos de macumba e candoblé. Aqui, os **Pankararu** deixam transparecer o que hoje é o seu povo: um intercruzamento racial, com fortes características do índio, branco e negro.

O **Toré**, a dança ritual dos potiguara, é um pouco diferente: 15 dançarinos fazem um círculo em torno de três músicos, que tocam maracás, pifanos e tambores. Ao som do

maracá, eles se ajoelham e fazem prece. Depois, todos se levantam e iniciam a dança. O sinal é o toque de um pifano, entre grave e fanhoso. Batista, o cacique, puxa um refrão: "quem tocou a lança fina/foi a flor da maravilha". E todos respondem o estribilho, girando o corpo à direita e à esquerda, com ligeira e intermediária flexão.

Há quem admita que o **Toré**, um resquício das lendas e culturas potiguara, originalmente contava o contato dos primeiros índios com europeus. Seriam os contatos pioneiros dos potiguara com marinheiros da armada de Vespúcio, que teria aportado a sua armada em frente ao Monte do Tambá, em 1501.

— Nossos índios estão longe de se organizarem. O Encontro da últi-

ma sexta-feira refletiu isso muito bem", observou o professor de Biologia Jair César de Miranda Coêlho, da Universidade Autônoma da Paraíba. Para ele "os índios não têm ainda reconhecidos seus direitos na nova Constituição e o que se viu, na aldeia São Francisco, não passou de outra invasão da **Legião Estrangeira do Sul**, que veio organizar o Encontro".

Segundo Jair, os visitantes habituais dos potiguara se admiraram de uma **Eliane Potiguara**, da ABI do Rio, e de um **Tiuré**, ambos há anos ausentes da reserva, comportaram-se como turistas, diante do **Toré**. O importante, rebate Jair, é que a semente foi plantada: "os índios de Bala da Traição são os verdadeiros donos da terra, pois ali já se encontravam desde os tempos de Cabral".



Toré, dança ritual dos potiguara: uma tradição histórica



Eliane: potiguara carioca. Batista: cacique potiguara

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Revista de Pernambuco*

Class.: 1500

Data: 20/06/199

Pg.: 1